

sos caprichos e nenhum médium ou diretor de sessões tem o poder de fazê-los atender aos nossos chamados. Quando querem manifestar-se, eles o fazem espontaneamente, e não raro de maneira inesperada. Enganam-se os que pensam que podem dominá-los. Já ensinava Jesus, como vemos nos Evangelhos: o espírito sopra onde quer e ninguém sabe de onde vem nem para onde vai.

É natural que os familiares aflitos procurem obter a comunicação de um ente querido. Mas convém que se lembrem da necessidade de respeitar as leis que regem as condições do espírito na vida e na morte. O intercâmbio mediúnico é um ato de amor que só deve realizar-se quando conveniente para os dois lados. O Espiritismo nos ensina a respeitar a morte como respeitamos a vida, confiando nos desígnios de Deus. Só a misericórdia divina pode regular o diálogo entre os vivos da Terra e os vivos do Além. Façamos nossas preces em favor dos que partiram e esperemos em Deus a graça do reencontro que só Ele nos pode conceder.

Muitos religiosos condenam as comunicações mediúnicas, alegando que elas violam o mistério da morte e perturbam o repouso dos mortos. Esquecem-se de que os próprios espíritos de pessoas falecidas procuram comunicar-se com os vivos. Foi dessa procura de comunicação dos mortos, tão insistente no mundo inteiro, que se iniciaram de maneira natural as relações mediúnicas entre o mundo visível e o invisível. O conceito errôneo da morte, como aniquilamento ou transformação total da criatura humana, gera e sustenta essas formas de superstição. O Espiritismo, revivendo os fundamentos esquecidos do Cristianismo puro, mostra-nos que a comunicação mediúnica é lei da vida a nos libertar de erros e temores supersticiosos do passado.

## 3

# Consulta sobre o amor

Francisco Cândido Xavier

As páginas de Cornélio Pires, enriquecidas com os seus apontamentos doutrinários, caro Professor, têm motivado interessantes comentários e solicitações.\*

Assim é que, em uma de nossas reuniões públicas, tendo O Livro dos Espíritos nos dado para estudo a questão 296, e depois das explanações a respeito, por uma de nossas irmãs presentes, o nosso amigo Cornélio respondeu à carta de um companheiro que o consultou acerca do amor no plano espiritual, resposta que lhe enviamos desejando vê-la divulgada com os seus comentários.

NOTA - Questão 296:

Pergunta - As afeições individuais dos espíritos são suscetíveis de alterações?

Resposta - Não, porque eles não podem enganar-se, pois não mais usam a máscara sob a qual se ocultam os hipócritas. É por isso que suas afeições são inalteráveis quando se trata de espíritos puros. O amor que nos une é para eles a fonte de uma suprema felicidade.

\* Sugerimos, a propósito, a consulta dos livros anteriores desta série: Chico Xavier Pede Licença, Na Era do Espírito e Astronautas do Além. (Nota da Editora)

# 3

## Ponto de vista

Cornélio Pires

Recebi o seu pedido,  
Prezado amigo Antenor,  
Você deseja saber  
O que pensamos do amor.

Falarei do amor terrestre,  
Não daquele que conduz  
Nossa vida e pensamento  
Para a união com Jesus.

É verdade que não tenho  
Direito algum que me assista;  
Por isso, exponho a você  
Meu simples ponto de vista.

Conforme acredito hoje,  
Nos pobres estudos meus,  
O amor na totalidade  
É a natureza de Deus.

No entanto, pelo que vejo,  
Quanto ao que sinto e ao que faço,  
O amor é Deus em nós todos...  
Cada qual tem um pedaço.

De tudo, porém, que amamos,  
Até quanto conhecemos,  
Quanto menos possessão  
Maior a porção que temos.

O amor, quando chega, alcança  
Nossa vida rotineira,  
Parecendo o orvalho à noite,  
Quando cai na laranjeira.

Mas é preciso cuidado  
Por dentro do coração.  
Toda afeição caprichosa  
Traz grande perturbação.

Quando a pessoa faz isso,  
Lá se vai a luz do bem:  
Carinho vira paixão  
Que não dá paz a ninguém.

Olhe a história de Quinota:  
Dizia adorar Lineu,  
Porque o moço quis a prima,  
A coitada enlouqueceu.

Delfim perseguindo Joana  
Que, de fato, o não queria,  
Atirou sobre o pai dela  
E acertou Dona Maria.

Joaquim namorava Zélia;  
A paixão nele era fogo...  
Quando viu Zélia doente,  
Colou-se à Tina Diogo.

Antônia clamava sempre  
Que amava Zeca Vilaça,  
Mas Zeca perdeu as pernas  
E Antônia sumiu da praça.

Recorde o que sucedeu  
Com Camilo Felisberto,  
Desprezado por Joaquina,  
Matou-se com tiro certo.

O amor, na Terra, em verdade,  
Pode ter grande aconchego,  
Mas para viver em paz  
Não deve ter muito apego.

O amor, enfim, vem de Deus,  
Mas se em nós vira paixão,  
Parece cousa de louco  
Ou trama de obsessão.

# 3

## Amor sem possessão

Irmão Saulo

O desapego é uma constante nas lições dos grandes mestres espirituais. E mesmo na vida terrena as pessoas sensatas e experientes compreendem os perigos do apego amoroso. Todas as escolas de Psicologia denunciam esses perigos e, desde os gregos até nós, os filósofos ensinam que a felicidade depende da nossa capacidade de libertar-nos do apego às coisas e aos seres. O ciúme é sintoma de apego e leva a desequilíbrios perigosos, podendo gerar doenças graves e acarretar crimes nefandos.

Lemos sempre nos jornais a expressão: "Matou por amor". Mas a verdade é que o amor não mata, pois o amor é vida e não morte. O que mata é o ciúme, o apego amoroso, gerado por sentimentos inferiores de

posse exclusivista da pessoa amada. Esses sentimentos são resquícios animais da espécie que racionalmente devemos expulsar de nós, ao invés de racionalmente aumentá-los, como em geral fazemos. Nossa imaginação pode levar os instintos animais a intensidades ameaçadoras, o que jamais ocorre nas espécies animais. Temos de aprender a amar sem apego.

Quando Cornélio escreve que "o amor na totalidade é a natureza de Deus", lembra-nos a afirmação de João, em seu Evangelho: "Deus é amor". E Cornélio tira deste princípio a explicação do antigo mistério da presença de Deus em nós, afirmando: "O amor é Deus em nós todos, cada qual tem um pedaço". A seguir, adverte que quanto menos possessão pusermos no amor, mais amor teremos em nosso coração. É impossível dar-se uma lição tão elevada com palavras mais simples e de maneira mais natural.

Toda a dinâmica da evolução espiritual se esclarece na simplicidade caipira desses versos. Deus está presente em nós pela nossa capacidade de amar, mas enquanto não superarmos o nosso egoísmo, que tudo quer com exclusividade, o amor permanecerá sufocado pela vaidade, o desejo e a ambição. Poderíamos perguntar: mas se o amor é o próprio Deus, por que ele não vence o nosso apego? A resposta é clara: porque amor é liberdade. O amor é Deus chamando-nos para a liberdade, convocando-nos ao desapego por nossa própria compreensão e decisão. Deus não nos ama com apego, mas com liberdade e por isso não quer impor-nos a compreensão do amor que devemos atingir por nós mesmos.